

Gambiarra – Orgulho a Brasileira.

Jerry Fernandes de Souza

Enquanto organizava minha biblioteca tendo por companhia a televisão, chamou-me atenção uma matéria que falava de temas olímpicos. Curiosamente e porque não dizer oportunamente ao momento caótico a que vive esse país, atentei-me para a perfeita correlação do tema de 2016 para como nosso país: Gambiarra. Não tardara soar a correlação do como vivemos um país, cujo entendimento de “solução” parece ainda se inspirar na colonizadora máxima de que “em si plantando, tudo dá”; assim, deu-se o cultivo do “*jeitinho à brasileira*”, onde se segue uma construção de ordem teleológica conjurando o agir de qualquer jeito como um orgulho a ser exaltado mundialmente. Em suma: viver na corda bamba e sob a pecha de país gambiarrado é o que nos proporciona as superestruturas governamentais; seguimos o pressuposto condescendente de que brasileiro é assim: mesmo sob torrenciais calamidades provenientes das intempéries naturais ou como fruto do descaso de órgãos públicos, ainda assim nos orgulhamos de jargões que nos confere o primeiro lugar no pódio dos que nunca desistem e que somos uma “brava gente”. Sob essa óptica de que somos o povo que luta e que vence às custas de muitas superações, atentei-me para a irrefletida postura que temos diante a substancialidade que envolve o ato de superar barreiras. Até protesto vira festa e roda de samba, isso quando não se desce o cacete, tiro, porrada e bomba.

Certa feita assistia a uma palestra sobre o avanço das telecomunicações, a convite de um amigo, quando subitamente o equipamento de projeção parou de funcionar. Felizmente o expositor demonstrara ter alguma experiência para lidar com esse tipo de situação. Posteriormente o mesmo informou que tal experiência não poderia ser atribuída em sua totalidade à empiria ou a cursos técnicos somente, antes lhe pertencia o desejo por aprender, por conhecer o novo; uma das características que sempre cultivara era o interesse pelo funcionamento de coisas aparentemente simples. Disse que em sua infância, quando alguém comparecia a sua casa para reparos, em redes elétricas, hidráulicas, ou até mesmo uma troca de chuveiro, não se fazia rogado de orgulho: aproveitava a oportunidade que a vida lhe dava para aprender. Assim, crescera mantendo sua postura de curioso, mas quando lhe era dado chance, transcendia a simples curiosidade para aprimora-se em saber teórico e prático, pois não desejava viver como um “Kid Gambiarras”. De volta ao equipamento que havia parado, segundo o expositor, intuitivamente julgava saber de que se tratava, mas como não dispunha de ferramenta apropriada, uma pequena improvisação resolveria, temporariamente; uma pequena colher serviu para que se movesse o parafuso que prendia a tampa, e como previsto por ele, a pane se dava devido ao rompimento de uma minúscula correia que permitia o movimentar da ventoinha que refrigerava a lâmpada; mais uma vez nada que um pequeno elástico, desses que caixas usam pra prender notas; ou seja, mais uma temporária solução, pois não era o ideal e problemas futuros viriam com certeza.

No caminho de volta pra casa, meu amigo que há cinco anos residia e trabalhava em uma empresa de engenharia em telecomunicações em um outro país, destacou que aquela atitude é muito peculiar no povo brasileiro. Dizia ele, que por mais de uma vez participara em seu trabalho de situações semelhantes, onde eventos como o que acabávamos de

assisti, contaria como equipamento reserva ou se remarcaria uma nova dada para à apresentação; quando no muito se teria um profissional competente para um reparo imediato. Em resumo, o que ele disse é que essa capacidade de improvisar soluções é muito peculiar do povo brasileiro bem como de países subdesenvolvidos, cuja necessidade lhes obriga a contar, literalmente com a criatividade para se desenvolver gambiarras.

Por essa e outras ideias conhecidas como o “jeitinho brasileiro”, é que se propagou a falaciosa ideia de que não desistimos e que estamos sempre prontos à superação, acobertando nossa submissão às multifacetadas formas linguísticas de encobrir o real significado dos muitos adjetivos, os quais ressaltam nosso valor em “superar” barreiras; bem na verdade a questão a ser levantada é o porquê certas barreiras como a falta de saúde, de educação de qualidade, como tantas outras, ainda continuam existindo? E a quem se deve responsabilizar por elas ainda permanecem? Falta-nos a compreensão de que a grande maioria de máximas que supostamente enaltecem nossa superação funciona em verdade como condicionantes de nossa posição cômoda por não exigirmos que muitas dessas barreiras, não mais existam; pois a dignidade em ser “brava gente”, deveria ser quando já não mais houver tanta disparidade de classes. Afinal, não há tanta glória em superar barreiras deixando-as para outros que virão depois.

George Orwell, em seu livro *1984*, descreve um regime totalitário que nada difere desse sistema neoliberal, cujas evidências vêm se revelando nos últimos dias; no regime mencionado por Orwell, a arma que mais se destaca é o discurso hipócrita e subsidiado pela Novilíngua; uma estrutural gramatical que se caracteriza por palavras esvaziadas de seu verdadeiro significado promovendo um pensar cada vez mais redutível aos sentidos intencionalmente atribuídos à ideia de que a solução está na força de vontade desse ou daquele indivíduo que supera barreiras.

Uma cultura de gambiarras

Há décadas que a cultura de massa vem sendo formada. Sobrepujada por uma indústria cultural que fomenta todo tipo de prazeres, pois a ordem dada é a de que “você merece”! Assim toda e qualquer arte assume sob essa nova ordem o comprometimento de estampar em suas marcas a ideia de que seus compromissos não passam de *entertainment*; músicas que não se diferenciam em nada e sem conteúdo algum preenchem todos os meios de comunicações; obras literárias sem nenhum entrelaçamento com as questões relevantes à vida direcionam principalmente os jovens a mundos fantasiosos sem nenhuma conectividade com a realidade que os cercam; em pouquíssimo tempo as grandes telas reproduzem essa mesma literatura em uma redutibilidade artística ainda mais efêmera no tocante a qualidade representativa. A *persona*, responsável por trazer vida a personagens, não mais existe na cinematografia moderna; a realidade deve ser “una com a arte” a se manifestar nas grandes telas; telas que devido aos apelos do sujeito egocêntrico o qual é perfeitamente apreendido pelo mercado socioeconômico capitalista; já domesticada pelo imensurável aparato midiático, institui-se a sociedade de iguais em linguagem e comportamentos; funda-se o totalitarismo da conformidade tolerante!

Sempre me recordo dos concelhos de minha mãe no tocante ao dever de se respeitar o outro. Dizia ela que não precisamos concordar, mas respeitar é garantir os direitos de todos. Se não gosto, não gosto e pronto; manifesto meu pensar sem agredir o outro. Hoje me vejo diante a um mundo onde a diferença não é mais respeitada, mas sim comercializada. O filósofo Slavoj Žižek, diz: “isso é economia política, idiota!”; somente os incautos podem acreditar que um regime seja ele qual for, irá motivar mudanças socioculturais, políticas ou educacionais linguisticamente - a exemplo de reformas ortográficas -, caso estas não lhes forem favoráveis. Parafraseando Einstein, o sistema cauda da crise não pode ser o mesmo que vai se livrar dela; assim, que a questão “das diferenças” vem se tornando a moeda de troca dos mercados socioeconômicos; – pois desde os meados do século XIX, na Inglaterra, passa a vigorar de forma majoritária a lei da mais-valia; funcionando de forma eficaz, o sistema sela o acordo em se garantir lucros a poder do operário que assume caráter de “*ser econômico*”; ou seja, instrumentaliza-se aquele que garantira a produção não mais como sujeito que sofre, que ama, que sente... tipifica-se o ser alienado; a todo tempo e em todos os espaços possíveis não passa de um objeto que vê suas “pulsões” sendo estimuladas pelas poderosas indústrias de marketing, rendendo bilhões em dividendos; múltiplas indústrias que se corporificam objetivando preencher todas as frentes mercadológicas.

Por isso quando uma emissora retrata questões como: a inacessibilidade das cidades com relação a pessoas com deficiência, preconceito racial ou gênero, acreditar que os acionistas dessas emissoras de fato se conscientizaram da necessidade de se respeitar as diferenças, é sim nos colocarmos exatamente onde eles desejam que fiquemos: passíveis e esperançosos. É, por demais, ilusório, crermos que o “senhor da casa grande”, desenvolvera um postura isenta de preconceitos e despretensiosa, com relação aos números da audiência, respectivas a cada programa quando que é graças a ela que empresas disputaram o espaço para divulgar seus produtos, os quais muitos serão consumidos no dia seguinte.

Assim, de volta ao começo onde falávamos do jeitinho brasileiro em se produzir gambiarras, motivada ainda mais por uma sociedade capitalista, neoliberal e covarde como a que estamos vivendo, e a literal definição de gambiarra: “Solução improvisada para resolver um problema ou uma necessidade”; precisamos nos perguntar se nossos problemas estão sendo solucionados, ou se estão apenas sendo gerenciados de forma a resolver um conflito aqui, outro acolá, sem contudo cortar o mal pela raiz. Deve-se dar um basta a discursos gambiarrados, improvisando argumentos falaciosos em que se defende a meritocracia e afirmam que o capitalismo com suas políticas neoliberais não estão gerando, ou melhor, sustentando a desigualdade social, quando a divisão de classes é evidente a partir de sensíveis disparidades socioeconômicas que delineiam de forma geográfica a qualidade e as características inclusive físicas, dos membros de uma mesma cidade - por menor que essa seja. Uma república federativa e que se diz democrática, conceber problemas básicos como as péssimas condições na educação, saúde, moradia, transporte, e tantos outros que comprometem a qualidade de vida, que só fazem revela o circo de aparências apresentadas e que na verdade, só fez cumprir a risca o desfile de hipocrisias, cujo enredo vem cumprir bem seu papel em mais uma definição de gambiarra: “Ornamento composto por uma série de lâmpadas, geralmente coloridas, ligadas ao mesmo fio elétrico”; mascara-se adornando, ornamentando de forma improvisada o acender luzes de aparências, mas por estarem

ligados ao mesmo fio da corrupção, desapareceram com o desarmar de uma grande tenda de gambiarras.

A fantástica gambiarra de um futuro a ser reflorestado, pois contraditoriamente no senado, a bancada ruralista, avança com seus projetos de desmatamentos; secretarias de políticas sociais sendo massacradas por políticos sem nenhum comprometimento com os direitos humanos, pois incide a novilíngua como gambiarra normativa a exaltar ideologias excludentes de que é uma questão de meritocracia a acessão social, ou melhor; escolas desmanteladas sob a descarada desculpa de que se trata de uma reorganização educacional; todavia, o reorganizar não passa um determinante que estabelecerá quem estudará e até que série este ou aquele poderá cursar em virtude das condições geográficas. Todas as vezes que essa problemática vir à tona, uma justificada improvisada de discurso cleptocrata, ressoará de que juntos precisamos superar as barreiras que nos impedem o crescimento, pois “em se plantando, tudo dá”, e brasileiro é um povo que não desiste.

A maior de todas as gambiarras a justificar de forma exime o circo de 2016, e a realidade de nossos atletas que possuem uma historicidade de aprendizado em organizações não governamentais, subsidiadas por quem já superou as barreiras e estão fazendo o que é dever do estado. Como toda gambiarra, o resultado é que com o apagar das luzes, a correia que prende o “sistema refrigerador” do incêndio premeditado fatalmente se soltará revelando tragédias anunciado pelo acobertar das pompas e lanterinas; desvela-se na atualidade o insuperável caos a que se o estado Rio, onde o circo dos anéis olímpicos, já não se entrelaçam mais, pois como dizia o poeta: “a festa acabou, a luz apagou...” contudo, a conta não se supera e requer pagamento com ou sem superação e essa, bom, essa não é gambirrada.

Superar não deveria constituir orgulho, quando as barreiras existentes persistem por décadas. Continuar driblando-as e não exigir que sejam suprimidas é aceitarmos o jeitinho brasileiro que manifesta ao mundo um circo de gambiarras e de improvisações; contorna-las é deixa-las pra futuras gerações as quais podem não ter a mesma resistência, pois não somos iguais, mas podemos tornar uma sociedade mais justa se lutarmos por igualarmos as condições do caminho que nos conduz à realização de nossos sonhos.

1. Extensão .elétrica, com fio comprido e uma lâmpada na sua extremidade, que permite levar luz a sítios afastados (ex.: *enganchou a gambiarra no capô do carro*).
2. Ornamento composto por uma série de lâmpadas, geralmente coloridas, ligadas ao mesmo fio .elétrico (ex.: *o recinto estava enfeitado com várias gambiarras*).
3. Renque de luzes na parte superior do palco.
4. [Brasil, Informal] Desvio ou prolongamento improvisado e ilegal de um ponto de fornecimento de energia .elétrica ou de água (ex.: *sem água .encanada, os moradores recorreram a gambiarras*).
5. [Brasil, Informal] Solução improvisada para resolver um problema ou uma necessidade (ex.: *fez uma gambiarra para que o carro andasse*).

Confrontar: gambiarra.

"Gambiarra", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/Gambiarra> [consultado em 09-08-2016].

BERG, Peter. p.119; *persona*, o termo técnico com que se designa as máscaras dos atores no teatro clássico

<https://www.priberam.pt/DLPO/dividendo>